

DISCURSOS NORMATIVOS SOBRE A LÍNGUA: REFLEXÕES ACERCA DO POSICIONAMENTO DA INFLUENCIADORA CÍNTIA CHAGAS NUM VÍDEO- RESPOSTA

Normative discourses on language: reflections on influencer cíntia chagas' positioning in a response video

Amanda Patriota Costa  

amandapatriota@ufpr.br

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Ana Paula Pereira Ferreira  

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

anapaulapefer@gmail.com

Vitor Sales Jacinto  

Universidade Federal do Paraná (UFPR)

vitorsales@ufpr.br



Revista dos Cursos de Letras e do Programa
de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 31/03/2025

Aprovação do trabalho: 01/07/2025

Publicação do trabalho: 16/11/2025

COMO CITAR

PATRIOTA COSTA, Amanda; PEREIRA FERREIRA, Ana Paula; SALES JACINTO, Vitor. DISCURSOS NORMATIVOS SOBRE A LÍNGUA: REFLEXÕES ACERCA DO POSICIONAMENTO DA INFLUENCIADORA CÍNTIA CHAGAS NUM VÍDEO-RESPOSTA. *Revista Letras Escreve*. v. 16, n. 1, p. 1-12. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letras escreve/article/view/280>.

Resumo

Este artigo propõe-se a analisar o funcionamento discursivo de um vídeo-resposta da professora e influenciadora Cíntia Chagas, formada em Letras pela UFMG. Procuramos refletir sobre quais valores estão em seu discurso – sustentado pelo uso da normatividade linguística –, quais suas implicações e como essa discussão pode ser vista sob as lentes da Linguística Aplicada. Assim, nos arrogamos especialmente no aporte teórico da Linguística Aplicada, como Moita Lopes (2006, 2019), Fabrício (2016, 2023), Brahim et.al (2021), Beato-Canato (2024) e da teoria dos valores que comparece na teoria de Bakhtin (2010). Para a realização desta investigação, selecionamos um vídeo-resposta publicado por Chagas em seu *Tiktok* em 2024, no qual ela rebate uma crítica feita a ela. Concluiu-se que o discurso da influenciadora se ancora na normatividade linguística, contribuindo para a reprodução de estereótipos que marginalizam e deslegitimam variedades linguísticas associadas a grupos socialmente subalternizados. Num contexto acadêmico, questionar esses valores pode promover a inclusão de grupos historicamente marginalizados, valorizando variações linguísticas como expressões legítimas de identidade cultural.

Palavras-chave: funcionamento discursivo; Cíntia Chagas; valores.

Abstract

This article aims to analyze the discursive functioning of a video response by teacher and influencer Cíntia Chagas, who holds a degree in Letters from UFMG. We seek to reflect on the values present in her discourse – supported by the use of linguistic normativity –, their implications, and how this discussion can be viewed through the lens of Applied Linguistics. Thus, we ground our analysis particularly in the theoretical framework of Applied Linguistics, drawing on scholars such as Moita Lopes (2006, 2019), Fabrício (2016, 2023), Brahim et al. (202), Beato-Canato (2024), and the theory of values present in Bakhtin's work (2010). For this investigation, we selected a video response published by Cíntia Chagas on her TikTok in 2024, in which the influencer employs a normative discourse about language to counter a criticism directed at her. It was concluded that Cíntia Chagas' discourse relies on linguistic normativity, which contributes to the perpetuation of stereotypes that marginalize and devalue linguistic varieties with lower social prestige. In an academic context, questioning these values can promote the inclusion of historically marginalized groups, valuing linguistic variations as legitimate expressions of cultural identity.

Key words: discursive functioning; Cíntia Chagas; values.

Considerações iniciais

Este artigo objetiva refletir sobre a posição axiológica em um vídeo-resposta de Cíntia Chagas no Tiktok, em que ela se vale de seu conhecimento gramatical para rebater um(a) internauta. Para a realização desta investigação, mobiliza-se o arcabouço teórico da Linguística Aplicada (LA), com ênfase na noção de linguagem performativa, compreendida, nesse campo, como prática social situada, atravessada por relações de poder e marcada por seus efeitos no mundo.

Cíntia Chagas, formada em Letras pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), é professora de português e influenciadora, conhecida nacionalmente por suas aparições na televisão e por seus perfis em diversas redes sociais. Segundo Chagas, demitiram-lhe de 10 cursinhos pré-vestibular por sua insubordinação às metodologias de ensino vigentes. Criou, então, seu próprio cursinho, que tinha como principal meta a aprovação de seus alunos em cursos de Medicina¹. Chagas, que se coloca como especialista em comunicação e a favor da “polidez”, assenta-se na noção de que falar e “escrever bem” confere prestígio social aos falantes. Em vista disso, a influenciadora incentiva seus seguidores a portarem-se de maneiras consideradas, por ela, elegantes, e a falarem “corretamente”. Essa concepção, latente em nossa sociedade, diz sobre o próprio funcionamento de nossa língua: um instrumento de poder responsável contraditoriamente por manutenções ou transformações no status quo.

Nós, que falamos do lugar de estudantes de Linguística, procuramos contornar e nortear nossa investigação com as seguintes perguntas: quais valores sustentam o discurso de Cíntia e quais suas implicações? Quais valores são reproduzidos com esses discursos? Qual a visão da Linguística Aplicada diante dos discursos normativos sobre o uso da Língua?

O trabalho está organizado por seções. Na primeira, “Língua, Poder e Linguística Aplicada”, refletimos sobre o conceito de linguagem performativa, introduzindo autores como Moita Lopes (2009), Fabrício (2016); Fabrício e Moita Lopes (2019). Em seguida, fizemos um apanhado sobre a história do uso das gramáticas. No capítulo de análise, intitulado “Cíntia Chagas e a disputa dialógica”, refletimos sobre o funcionamento discursivo das falas de Cíntia Chagas e quais valores são reproduzidos em seu discurso. Para tal, procuramos entender a disputa dialógica entre a influenciadora e o/a internauta. Por fim, nas considerações finais, baseadas na filiação teórica utilizada durante o artigo, refletimos quanto à importância da LA como forma de desnaturalizar epistemes.

1 Língua, Poder e Linguística Aplicada

Para o referido estudo, selecionamos textos que criticam a ideia de que a língua é

¹ Disponível em: <https://cintiachagas.com.br/cintia/#:~:text=A%20primeira%20apari%C3%A7%C3%A3o%20nacional%20de,corrigir%20o%20portugu%C3%AAs%20das%20pessoas>. Acesso em: 11 jun. 2024.

representacional, em especial pelas lentes utilizadas por alguns autores na Linguística Aplicada. Essa escolha teórica se deu porque consideramos que toda forma possível de sentido configura um valor, e que viver é tomar posição axiológica a cada momento². Toda palavra é carregada de valor, pois carrega marcas que refletem posições sociais. Consequentemente, reconhecemos que a linguagem é performativa, conceito que deriva da teoria de Austin (1990), em que se busca superar a “falácia descriptiva” a partir do entendimento de que as sentenças não possuem, necessariamente, condições de verdade. Nesse sentido, Austin entende os performativos como palavras/sentenças que são/fazem parte/constituem ações que impactam e/ou alteram uma situação específica (como quando, exemplifica Austin, um padre diz “Eu vos declaro marido e mulher” num casamento). Mais tarde, essa compreensão foi expandida por Searle (1984) para a noção de atos de fala, desembocando, por fim, em teorias pragmáticas recentes que pensam o performativo também a partir do corpo e da identidade.

Dessa forma, compreendemos que os valores que pressupõem um ideal linguístico criam demarcações simbólicas, dividindo línguas, culturas e pessoas. Logo, pautar-se somente na normatividade da língua³ reproduz valores excludentes, dado que potencializa questões coloniais e inferioriza aqueles que não se adequam à norma padrão, desconsiderando suas vivências, culturas e contextos sociais, conforme Pratt (1987) criticava.

Bakhtin (2010), em seu marcante "Para uma filosofia do Ato Responsável", se faz importante em nossa investigação por seu entendimento de que nossas ações no mundo são únicas e carregadas de significado, e que somos profundamente responsáveis por elas. Ele nos convida a pensar sobre como cada ato que fazemos participa da construção do mundo, sendo uma forma de diálogo constante com a realidade. Quando falamos ou escrevemos, estamos realizando um ato único, marcado por nossa posição no mundo, nossas experiências e nosso contexto específico. O normativismo gramatical desconsidera essa particularidade, ignorando o fato de que cada ato de fala ou escrita é uma expressão única de um sujeito que está em diálogo com o mundo. De acordo com Fabrício e Borba (2023, p. 25), restringir o conhecimento a áreas e regras específicas é uma análise simplista das complexidades da contingência da vida, visto que busca eliminar qualquer influência de um ambiente que é, por natureza, diverso, heterogêneo, cheio de imprevistos e incertezas.

Segundo Wittgenstein (1968, p.11), falar uma língua é uma fração de um desempenho, ou

² Na axiologia, ramo da filosofia que estuda *valores*, o conceito de valor refere-se àquilo que confere significado, importância ou excelência a algo. Valores são qualidades percebidas como desejáveis, dignas ou fundamentais para guiar ações, escolhas e julgamentos humanos. Em Bakhtin, esse conceito ressoa através de suas discussões envolvendo *ética* e *estética*. No livro *Para uma Filosofia do Ato Responsável* (2010), ele discute a responsabilidade ética como uma forma de posicionamento axiológico. Cada ato humano carrega um valor que o indivíduo deve assumir e justificar.

³ De acordo com Faraco (2008), a normatividade linguística refere-se ao conjunto de regras e padrões estabelecidos para regular o uso considerado “correto” de uma língua em situações específicas. Essas normas, geralmente registradas em gramáticas, dicionários e manuais de estilo, são afetadas por fatores históricos, culturais e ideológicos, desempenhando um papel importante no controle simbólico das práticas linguísticas. Além disso, elas podem refletir relações de poder e contribuir para a manutenção de desigualdades sociais e exclusões.

de uma forma de vida. Dito de outro modo, a língua não é um sistema que representa a totalidade da vida do falante, pelo contrário, muitas vezes são atos performativos convenientes às situações e aos contextos específicos dos seus intérpretes sociais. Sendo assim, a exigência de adequação às normas linguísticas em qualquer condição de uso, por vezes, trata-se de uma relação entre língua e poder, preservando as características e o status quo das classes dominantes.

Há diversos estudiosos que se indagam a respeito da normatividade linguística e do uso da língua como herança colonial, tal como Bagno (2002, p. 22), cujo argumento volta-se ao fato de Gramática Tradicional ser usada enquanto um instrumento de legitimação do poder das classes dominantes, a fim de manter a “pureza do idioma”. Nesse sentido, contrapor e debater a relação entre os dominadores e o caráter imperativo da norma padrão nas diversas conjunturas da linguagem é relevante, já que traz à tona questões muitas vezes negligenciadas, tais como o preconceito linguístico⁴. Questões essas que são temas de estudos de alguns ramos da Linguística, como a Sociolinguística, Estilística, Pragmática, Linguística Funcional e a Linguística Aplicada, que levam em consideração as especificidades dos falantes, tais como suas experiências históricas, sociais, culturais e políticas, afinal, estamos sendo no mundo, e não apenas em processo de vir a ser (Beato-Canato, 2024, p. 25).

Os estudos adotados por nós procuram considerar a pluralidade de vozes que agem no mundo social e que auxiliam na construção dos sentidos, entendendo que a normatização descaracteriza a realidade que, muitas vezes, depende de fatores sociais e contextuais. Desse modo, muitos pesquisadores da LA contestam seus próprios pressupostos, dentro de uma perspectiva decolonial e indisciplinar, (de)marcando a LA não como uma disciplina, mas como área de estudo que tem como foco a linguagem e a vida cotidiana (Moita Lopes, 2006).

Em suma, um dos objetivos da LA consiste em investigar os sentidos da linguagem de acordo com as situações e ambientes de seu uso social, sem distanciá-la da vida real de cada indivíduo. Para isso, é preciso desapegar do conceito de língua como norma, da formalidade imperativa, do ideal linguístico e da lógica da colonialidade linguística, compreendendo que a língua é uma atividade performativa, interativa, heterogênea, dinâmica e favorável às intenções de significação do seu usuário. Por fim, os investigadores da LA dialogam em oposição aos discursos que reproduzem valores hegemônicos que tendem a privilegiar a classe dominante, e que usam as normas da língua como instrumento de discriminação, segregação e prestígio social.

1.1 O uso das gramáticas

Para compreender os conceitos gramaticais mobilizados por Cíntia Chagas e as abordagens

⁴ Estamos adotando o conceito de *preconceito linguístico* abordado pelo linguista Marcos Bagno, que o define como o desprezo às variedades linguísticas de menor prestígio social. Bagno (1999) argumenta que o preconceito linguístico não é apenas uma questão linguística, mas também social, política e cultural, pois reflete e reforça desigualdades sociais. Ele destaca que as críticas feitas a variantes populares ou regionais da língua estão, na verdade, ligadas a preconceitos contra os grupos sociais que as utilizam.

que sustentam sua argumentação, bem como nossa postura enquanto pesquisadores, é fundamental conceituar as distintas abordagens de gramática: normativa e descritiva. Essas definições servirão de base para o desenvolvimento das análises ao longo do artigo.

O estudo da gramática não é nenhuma novidade para a sociedade moderna. Pelo contrário, há uma vasta tradição de reflexão sobre o tema, com as primeiras gramáticas de língua portuguesa surgindo por volta de 1536, fortemente ligadas ao contexto político da época (Faraco, 2008). Diante da expansão e exploração do imperialismo europeu, as gramáticas foram elaboradas com o objetivo de servir como manuais para impor o uso da língua aos povos explorados. Dessa forma, buscava-se garantir que os colonizados aprendessem e reproduzissem a língua do colonizador. As gramáticas normativas, nesse contexto, tinham como propósito o controle social.

Desde então, muitas gramáticas tiveram como objetivo principal indicar a forma “correta” de falar e escrever. Premissa que se manteve ao longo dos anos, resultando no que conhecemos hoje como gramática normativa, que se propõe a definir o que é certo e errado no uso da língua. Esse tipo de gramática estabelece regras baseadas em padrões considerados cultos e corretos em contextos sociais de prestígio (Lima, 2022), com o intuito de impor normas estabelecidas por autoridades linguísticas. Para nós, tal abordagem ressoa no discurso de Cíntia Chagas.

Outra perspectiva que merece destaque é a da gramática descritiva. Ela se preocupa em descrever a língua em funcionamento, não sendo orientada pela lógica do certo ou errado. O objetivo dessa abordagem é observar e documentar as variações linguísticas, considerando seus contextos de uso e as diferentes comunidades linguísticas, como regionalismos, gírias e variações socioculturais (Perini, 2005).

A partir da breve exposição acima, podemos refletir sobre o uso da língua ao longo da história, destacando seu papel como uma ferramenta para a manutenção do controle social. Duarte (2023 apud Fabrício e Borba, 2023, p. 27) desenvolveu pesquisas acerca da instabilidade do modelo normativo da língua portuguesa. Suas reflexões se voltam às disputas políticas, tanto em Portugal quanto no Brasil, envolvendo os cânones gramaticais e as tensões em relação às normatividades que foram estabelecidas por eles. Tais disputas atuam como instrumento para a manutenção de um ideal de unidade linguística. Sendo assim, os autores concluem que “A distinção entre ‘fala e escrita informais’ e ‘fala e escrita cuidadosa ou letrada’ é fruto de embates pela padronização linguística, hierarquização dos diferentes usos e determinação do que conta como norma culta (Fabrício e Borba, 2023, p. 27).

2 Metodologia

Este artigo baseia-se numa pesquisa bibliográfica com análise de corpus ancorada, especialmente, no escopo teórico da Linguística Aplicada. A coleta do corpus se deu por meio de uma captura de tela (printscreen) feita em um vídeo-resposta de Cíntia Chagas no TikTok, em 2024. Optamos por esta influenciadora em detrimento de outras devido às suas falas controversas acerca de seu conhecimento linguístico e por ser graduada em Letras. Selecioneamos especificamente o

vídeo analisado por sua relação com o objeto de estudo: os valores que são reproduzidos pelos discursos de Cíntia. A análise do corpus foi norteada pela seguinte pergunta de pesquisa: quais valores sustentam o discurso de Cíntia Chagas e como eles podem ser debatidos sob as lentes da Linguística Aplicada?

Para a realização deste estudo, nos fundamentamos especialmente em pesquisadores da LA, tais como Moita Lopes (2006), Fabrício (2016) e Brahim (et al, 2021) em diálogo com os autores Wittgenstein (1968) e Pratt (1987). A fim de compreendermos melhor o objeto de estudo, dialogamos com conceitos de outras áreas, como a teoria dos valores e o dialogismo, presentes na obra de Bakhtin (2010); a normatização da língua em Faraco (2008); e o lugar de fala na obra “O que é o lugar de Fala?” da filósofa Ribeiro (2017). Essas contribuições teóricas permitem tensionar as questões discursivas e sociais abordadas, oferecendo subsídios para a análise que será desenvolvida na próxima seção.

4 Cíntia Chagas e a disputa dialógica

Com mais de 5 milhões de seguidores no Instagram, a influenciadora Cíntia Chagas produz diversos conteúdos sobre o que ela considera elegante, posicionando-se axiologicamente a respeito de comportamentos que deveriam ser cumpridos pelas mulheres e sobre “maneiras de falar corretamente”. Em sua bio do Instagram, como mostra na Figura 01 a seguir, lê-se: “Falar direito e comunicar-se bem é chiquíssimo!”.

Figura 01 – Bio do Instagram



Fonte: *printscreen* feito pelos próprios pesquisadores na conta oficial de Cíntia Chagas no *Instagram*⁵

⁵ Disponível em: <https://www.instagram.com/cintiachagass?igsh=NjVqc3JmdzNpM3Vx>. Acesso em: 15. ago. 2024.

A associação entre “falar direito” e ser “chiquíssimo” carrega uma historicidade dissimulada dentro do funcionamento do próprio enunciado: a hierarquização de diferentes usos da língua ao longo dos séculos (Fabrício; Borba, 2023, p. 27). Essa historicidade, muito debatida por várias disciplinas dentro da Linguística (desde Sintaxe, Semântica até Análise de Discurso e Linguística Aplicada), permeia fortemente o imaginário social, especialmente por conta de sua carga política.

A exemplo de um desses estudos, Moita Lopes e Fabricio (2019, p. 717), no artigo “Por uma ‘proximidade crítica’ nos estudos em Linguística Aplicada”, argumentam que a Linguística Aplicada se propõe a enfrentar a contingência da vida social em detrimento de certezas epistemológicas, considerando, portanto, a linguagem como performativa e não como instrumento representativo, “cuja função principal seria de representar ou descrever objetos, pessoas, fatos, estados de coisas e pensamentos” (Moita Lopes e Fabricio, 2019, p. 717). Nesse escopo teórico, a língua não pode ser vista simplesmente de maneira representacional, mas sim performática, uma vez que é, também, uma ação no mundo. Por essa razão, mais importante do que descrever os usos, é pensar para onde eles apontam e o que constroem socialmente.

Numa proximidade conceitual, no livro “Linguagem na Vida”, as autoras Brahim, Coutinho, Beato-Canato, Menezes, Diniz e Martinez, argumentam que a “linguagem nos constitui” (Brahim, et al., 2021, p. 26) e que a concepção de que existe o “certo” e o “errado” cria uma dicotomia e, consequentemente, um efeito do que é válido e o que não é. É a partir dessas reflexões que queremos pensar o vídeo-resposta de Chagas, conforme a Figura 02 abaixo:

Figura 02 – Vídeo resposta



Fonte: *printscreen* feito pelos próprios pesquisadores na conta oficial de Cíntia Chagas no *TikTok*⁶

⁶ Disponível em: https://www.tiktok.com/@cintiachagass?_t=8rnuGsx4Lrz&_r=1. Acesso em: 20. ago. 2024

Na Figura 02, há uma captura de tela de um vídeo em que Cíntia responde uma mensagem deixada numa caixinha de perguntas em seu TikTok. Na mensagem, um/a internauta diz à influenciadora:

I) vc é ridícula, paga de chique mas é completamente vazia por dentro. futil soberba!!!!!!

Ao que Chagas responde:

II) Como levar a sério a opinião de uma pessoa que não sabe que a palavra “ridícula” é acentuada por ser uma proparoxítona?/ Aliás, muito provavelmente você nem imagina o que venha a ser uma proparoxítona, não é verdade?/ Além disso, você não sabe que a palavra “fútil” é acentuada por ser uma paroxítona terminada em L/ Não/ Não sabe/ Você também desconhece o fato de que as orações coordenadas adversativas são virguladas/ E, por fim, você acredita que possa haver alguém vazio por fora, já que você escreveu ‘vazia por dentro’/ Agora diga para mim: quem é vazia?/ Você ou eu?

É interessante pensarmos no tipo de sustentação argumentativa de Chagas ao responder o ataque por ela sofrido: ao invés de rebater ou negar as críticas que recebeu, ou, ainda, incentivar com que seus internautas não sejam tão duros com pessoas on-line, ela se vale de conceitos gramaticais para provar ser superior ao/à internauta.

Segundo Faraco (2008), um dos maiores nomes da Linguística brasileira atualmente, “Quando a língua é trazida para a questão argumentativa, certamente não será ela a pauta”. Isso significa dizer que a língua é tida socialmente como um instrumento de prestígio, permeada por estigmas que derivam de sua historicidade. A partir da tradição alexandrina, em que os eruditos passaram a estudar intensamente textos literários de autoras e autores renomados, descrevendo e comentando sobre aspectos da língua, cria-se a noção de gramática que temos hoje (Faraco, 2008, p. 132-134). Nesse processo, “agregou-se à concepção de pessoa culta no mundo romano o pressuposto de bem falar e bem escrever, isto é, de cultivar certos modelos de língua aproximando seu modo de falar em público e de escrever aos usos dos autores consagrados” (Faraco, 2008, p. 137). Entretanto, nessa época, diferentemente de nossa atualidade, o conhecimento gramatical estava subordinado a um objetivo para além de um fim em si mesmo (Faraco, 2008, p. 138). Por fim, o autor completa “todas as formas e variedades linguísticas têm uma organização estrutural (uma gramática), embora só algumas recebam a qualificação de corretas” (Faraco, 2008, p. 136). Portanto, podemos concluir que o valor que é dado a uma variedade linguística é um fator social e não linguístico.

À vista disso, ao valer-se de seu conhecimento gramatical, Chagas assume uma posição axiológica: o metaconhecimento da língua confere-lhe superioridade intelectual e, por associação, moral. O embate que aí se instaura diz respeito a duas posições axiológicas (entre o/a internauta e a influenciadora). Isso se dá porque o/a internauta assume uma posição axiológica contrária à de Cíntia: “pagar de chique” não importa, visto que a influenciadora é, para ele/a, “vazia por dentro”. Isso diz de um outro lugar: mais vale o caráter do que o status social, que não confere à Cíntia superioridade. A fim de sustentar seu ponto de vista, o/a internauta utiliza xingamentos próprios

do campo da imoralidade: “fútil” e “soberba”.

Por meio dessas reflexões, é possível entendermos que a construção de valores é feita por meio de conflitos dialógicos. O objetivo do/a internauta e da influenciadora em defender os valores colocados anteriormente relaciona-se a uma disputa constitutiva de sujeito. Ou seja, a razão pela qual os indivíduos produzem enunciados se dá pelo desejo de sobrepor um valor a outro. Bakhtin (2010) vê o diálogo como um processo essencialmente interativo, onde múltiplas vozes e perspectivas estão em constante interação; o conflito e a tensão entre diferentes vozes são essenciais para a construção de significado. Em uma disputa dialógica, essas vozes não apenas coexistem, mas entram em conflito, como mostra o diálogo acima. Ao invés de buscar a resolução de diferenças ou a imposição de uma verdade única, a disputa dialógica valoriza a diversidade de perspectivas e o dinamismo inerente ao diálogo.

Nesse sentido, o/a internauta critica a influenciadora por adotar um comportamento que considera uma simulação de elegância, ou “pagar de chique”. Nesse contexto, podemos refletir sobre o “lugar de fala” ocupado tanto por Chagas quanto pelo/a internauta. O/A internauta se posiciona em um espaço indeterminado, protegido pelo anonimato das redes sociais, especialmente em plataformas que permitem comentários anônimos. Esse anonimato encoraja o uso de xingamentos e críticas sem medo de repercussões legais por parte da influenciadora, como ações por calúnia ou difamação. Assim, o discurso do/a internauta tende a se distanciar de uma retórica racionalizada e polida, aproximando-se mais de uma construção argumentativa baseada em apelo emocional⁷, ou pathos, em vez de lógica ou razão.

Por outro lado, Chagas está inserida em um contexto no qual sua identidade e sua representação são fundamentais para a circulação de seu discurso em plataformas como TikTok e Instagram. Como professora e especialista em comunicação, sua posição implica uma relação de poder, ocupando um status mais elevado em comparação ao/à internauta anônimo/a. Assim, Cíntia, sendo uma mulher branca, fala de um lugar específico na estrutura social, o que se reflete em sua maneira de falar e de se comportar, mesmo que ela não se perceba explicitamente nesse papel. Isso ressoa por meio de elementos presentes na construção da imagem exibida no vídeo-resposta. O uso de roupas claras, a postura alinhada, o cabelo arrumado e a maquiagem leve, sem tons escuros ou marcantes, preenchem um imaginário do que se acredita ser o comportamento de uma mulher elegante. Ribeiro (2017) nos explica que as representações de poder estão centralizadas na figura do homem branco, e, seguindo essa lógica, a mulher branca ocupa uma posição de privilégio, embora subordinada ao homem branco.

Quando Chagas exibe seu conhecimento sobre regras gramaticais para se distanciar da imagem de “superficialidade” que a/o internauta projeta sobre ela, a influenciadora reforça sua

⁷ Ruth Amossy, em “Apologia da Polêmica”, explora as construções argumentativas dentro da estrutura retórica, oferecendo uma contraposição às percepções sobre discursos polarizados, muitas vezes caracterizados pelo pathos e por uma natureza violenta e não racionalizada. Amossy argumenta que, apesar dessas características, tais discursos podem ser considerados legítimos dentro da esfera social em que circulam.

posição dentro de uma estrutura hierarquizada. Cíntia qualifica e marca seu status ao evitar xingamentos, considerados desqualificadores de seu discurso, dentro de uma estrutura retórica. Ela também destaca seu arcabouço teórico e retórico utilizando um tom de voz calmo e pausado, além de expressões faciais sorridentes, mas não muito expressivas, para se diferenciar do/a internauta – que materializa, por meio dos pontos de exclamação, uma reação acalorada. Essa diferenciação coloca o/a internauta em uma posição desfavorável e ridicularizada. Talvez, por essa razão a influenciadora presume que o/a internauta não possui conhecimento formal da língua. Em outros termos, a ausência de acesso a uma educação formal escrita é um fator de discriminação.

Além disso, ao criticar a forma como o/a internauta escreve o comentário-resposta, Chagas ignora o espaço virtual. Nesse cenário, especialmente nas redes sociais, não é preciso formalidade na escrita; pelo contrário, predomina o uso do “internetês” – uma linguagem própria das redes, que não se preocupa com a escrita “correta” estabelecida pela gramática normativa, base para a argumentação da influenciadora. Como supracitado, a língua não é um sistema que representa a totalidade da vida do falante. Assim, identificamos na postura de Chagas, ao se defender do comentário do/a internauta, uma (re)produção da exclusão social, fundamentada no pressuposto de hierarquização de variedades linguísticas diferentes, em que se universaliza a norma e se excluem os contextos, interlocutores e objetivos.

Ainda nesse ponto, a influenciadora pressupõe que sua posição é evidente: “Como levar a sério a opinião de uma pessoa que não sabe que a palavra ‘ridícula’ é acentuada por ser uma proparoxítona?”. Essa perspectiva evidencia a dificuldade de Chagas em considerar a crítica do/a internauta sob outra ótica, por exemplo, uma oportunidade de debater sobre a agressividade e impunidade na internet. Todavia, ela optou por utilizar seu conhecimento linguístico como um instrumento de discriminação, baseado na ideia de que “falar direito e comunicar-se bem” é um requisito essencial para ser considerado uma pessoa valorosa.

Esse comportamento está ancorado em um efeito de obviedade e, mais do que isso, no de universalidade: se uma pessoa não atende às expectativas da escrita normativa, ela não pertence a um contexto de prestígio social. Logo, essa pessoa é considerada inferior à posição da influenciadora e, portanto, desqualificada para criticá-la. É preciso pensar nas razões pelas quais o discurso dela acaba sendo esvaziado de argumentos ao responder a/o internauta: “vc é ridicula, paga de chique mas é completamente vazia por dentro. futil soberba!!!!!!”.

A dicotomia entre “certo” e “errado” que sustenta o discurso de Cíntia Chagas tem efeito de validação da sua própria variedade linguística em detrimento de outras, o que acaba por ser excludente, já que a influenciadora também mantém esse posicionamento durante o ensino de língua em seus cursinhos e mentorias. É preciso questionar a obrigatoriedade da norma padrão em qualquer contexto e discutir os valores que são reproduzidos por ela. Nessa lógica, o papel da LA é construir sentidos sobre diferentes valores sociais e diferentes relações sociais.

Em suma, pode-se concluir que os valores mantidos nos posicionamentos da Cíntia em relação à linguagem advêm de um colonialismo que nivela pessoas e seus conhecimentos, separando classes

no intuito de manter estruturas de poder. Como a LA é uma ciência indisciplinar (Moita Lopes, 2006) e intercultural, estudamos a linguagem como um exercício social contextualizado, objetivando aprimorar a comunicação humana, levando em consideração a realidade do falante e sua maneira de usá-la, sem hierarquizar seres e/ou saberes. Portanto, é imprescindível que nós, pesquisadores e docentes, entendamos a irrepetibilidade de cada ato produzido pelas e pelos falantes, principalmente em ambientes sociodiscursivos, na tentativa de valorizar vivências, indivíduos e contextos, além de questionar os valores (re)produzidos quando a língua é usada como ferramenta de segregação social, ou para preservar o status quo, visto que a inferiorização de diferentes variedades linguísticas (especialmente as que não têm prestígio social) é, sobretudo, uma forma de apagamento da contingência e unicidade da vida - dinamicidade e a heterogeneidade dos sujeitos. Por fim, também é necessário criarmos espaços de saberes e de (de)construções ontoepistemológicas, não somente durante o ensino de língua materna ou estrangeira, mas também em outros ambientes em que se aborde o uso da linguagem (Brahim; Beato-Canato, 2022, p. 46).

Considerações finais

Pode-se considerar que a postura de Chagas mediante o comentário do/a internauta reproduz valores excludentes, dado que ela mantém um posicionamento discriminatório em relação ao uso da língua. Chagas vale-se do pressuposto de que a polidez linguística é um fator de diferenciação das classes, induzindo seu público a acreditar num imaginário de exclusividade por meio da norma padrão: Chagas associa o uso da norma padrão ao status social numa relação de causalidade. A influenciadora vende e propaga um estilo de vida atribuído à classe dominante, da qual nem ela nem seu público fazem parte. Por isso, é válido questionar os valores que sustentam seus posicionamentos e as implicações da exclusão gerada por eles, uma vez que a linguagem é um fator humano de interação com o mundo e não uma criação artificial apartada do sujeito.

É necessário compreender as várias formas de comunicação como aceitáveis e passíveis de investigação, pois variedades linguísticas compõem a heterogeneidade da língua, que, em razão delas, está sempre mudando. Em contrapartida, a normatização não nos permite refletir sobre a totalidade da linguagem, a qual só pode ser percebida em contextos reais de uso, sem desprender-se do sujeito e sua relação performática com a linguagem. Em conclusão, entendemos que os valores que sustentam a fala de Cíntia Chagas são excludentes e universalizantes e que essa prática deve ser combatida por linguistas e estudiosos da língua.

Agradecimentos

Somos gratos à CAPES PROEX pelo auxílio à pesquisa.

Referências

- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Coordenação de tradução: CAVALCANTE, M. M.; tradução: BOTELHO, R; [et al.]. São Paulo: ed. Contexto, 2017.
- AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*; trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto

Alegre: Editora Artes Médicas Sil LTDA, 1990.

BAGNO, M. *Preconceito lingüístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

BAKHTIN, M. Para uma filosofia do ato responsável. Trad. Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BEATO-CANATO, A. P. M. B. Cartas pedagógicas: um convite para trazer a amorosidade para dentro dos muros de instituições educacionais sem perder a rigorosidade. In: CLARO, L. C.; PEREIRA, R. A.; NEVES JÚNIOR, I. B.; MARTINS, T. C. *Cartas pedagógicas: (re)formar(-se) por meio das experiências*. Rio Grande: Editora da Furg, 2024 (prelo), p. 23-35.

BRAHIM, A. C. S. de M.; FERNANDES, A. C.; BEATO-CANATO, A. P. M.; JORDÃO, C. M.; FIGUEIREDO, E. H. D.; MARTINEZ, J. Z. *A linguagem na vida*. 1. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021, cap. 1, p. 26.

BRAHIM, A. C. S de M; BEATO-CANATO. *Pedagogia freireana, educação linguística e linguística aplicada*. Pimenta Cultural, 2022, cap. 1, p.46.

FABRÍCIO, B. F. Mobilidade e circulação de discursos na contemporaneidade: a torção do parafuso referencial. In: revista da Anpoll, v. 1 n. 40, 2016, p. 129-140. Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1022>>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FABRÍCIO, B. F.; BORBA, R. Errâncias indisciplinares: entre rastros, ruínas e reconstruções. In: Moita Lopes, Luiz Paulo (Org). *Oficina de Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2023, p. 19-44.

FARACO, C. *Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, cap. 3, p. 130-160.

LIMA, R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 61ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2022.

MOITA LOPES, L. P. da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. da. (Org). *Por uma linguística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MOITA LOPES, L. P. da; FABRÍCIO, B. F. Por uma 'proximidade crítica' nos estudos em Linguística Aplicada. *Calidoscópio*, 2019, 17(4), 711-723. Disponível em: <<https://revistas.unisinos.br/index.php/calidoscopio/article/view/cld.2019.174.0>>. Acesso em: 11 jul. 2024.

PERINI, M. A. *Gramática descritiva do português*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2005.

PRATT, M. L. Linguistic utopias. In: N. FABB; D. ATTRIDGE; A. DURANTI; C. MACCABE (eds.). *The linguistics of writing: arguments between language and literature*. Manchester, Manchetser University Press, 1987, p. 48-66.

Quem é Cíntia Chagas? CÍNTIA CHAGAS. Belo Horizonte, 2024. Disponível em: <<https://cintiachagas.com.br/cintia/#:~:text=A%20primeira%20apari%C3%A7%C3%A3o%20nacional%20de,corrigir%20o%20portugu%C3%AAs%20das%20pessoas>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

RIBEIRO, D. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SEARLE, J. S. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*; trad Carlos Vogt, Ana Cecília Maleronka, Balthazar Barbosa, Maria Stela Gonçalves, Adail Ubirajara. Coimbra: Livraria Almedina, 1984.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. New York: The Macmillan Company, 1968, cap. 1, p.11.